

A REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA E SEUS IMPACTOS NAS INSTÂNCIAS REPRESENTATIVAS DOS TRABALHADORES.

Erica Vanessa Ramos Costa¹

RESUMO

Este trabalho que segue objetiva expor dados da pesquisa empreendida. E busca explicar de forma clara e direta os impactos que a reestruturação produtiva trouxe para as instâncias representativas dos trabalhadores, a saber, os sindicatos e como estes se posicionam face às mudanças que ocorrem no mundo do trabalho.

Palavras-chave: reestruturação produtiva, sindicatos, mundo do trabalho.

ABSTRACT

This paper aims at presenting data that follows the research undertaken. It seeks to explain in clear and direct impacts that productive restructuring has brought to the worker representative bodies, namely the unions and how they position themselves in relation to changes occurring in the workplace.

Keywords: production restructuring, unions, labor.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo expor de forma preliminar os resultados obtidos com a pesquisa empreendida que se intitula: **Adeus às reivindicações e protestos?** A CUT e a CONLUTAS no trato da temática mercado de trabalho no solo maranhense. Para tanto é esboçada uma panorâmica do potencial da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e da Coordenação Nacional de Lutas (CONLUTAS) no período que vai de 1998 até 2008 tendo como parâmetro teórico a reestruturação produtiva, o papel dos sindicatos

¹ Estudante de Graduação. Universidade Federal do Maranhão (UFMA). tonamidia87@hotmail.com



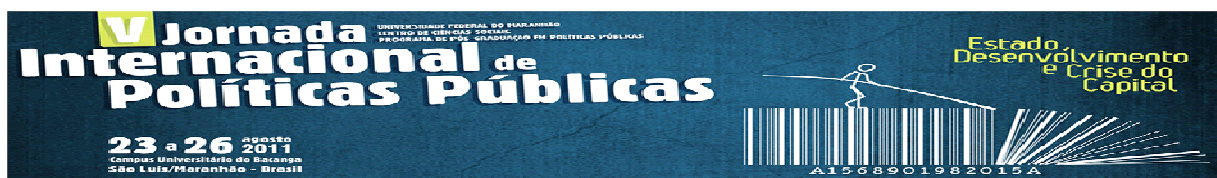
face suas demandas, estratégias sindicais e postura assumida diante de tais mudanças. Sem perder de vista o fato de que as duas instituições citadas têm em seu histórico características combativas, porém com perspectivas políticas diferenciadas. Este artigo expõe sobre os resultados do levantamento bibliográfico com análise nas obras dos autores trabalhados identificando os eixos de lutas da CUT e da CONLUTAS face às mudanças que aconteceram no quadro mercadológico que tem reflexos significativos no mundo do trabalho. Uma vez que,

“a luta pela afirmação de direitos é hoje também uma luta contra o capital, parte de um processo de acumulação de forças para uma forma de desenvolvimento social, que possa vir a completar o desenvolvimento de cada um de todos os indivíduos sociais.”
IAMAMOTO, 2009, p.01.

O marco histórico que a pesquisa tem por referência é a contemporaneidade do capital caracterizada pelo neoliberalismo somado à reestruturação produtiva que perpassa desde mudanças objetivas do mundo do trabalho: precarização do trabalho, formas atípicas de trabalho e pressão por produtividade; até chegar à subjetividade dos trabalhadores: criação de novas necessidades, novas formas produtivas de trabalho, aprofundamento das desigualdades e criação de novas formas relações sociais na luta pelo poder e hegemonia. Não se deve deixar de citar que essa nova empreitada do capital que abrange a reestruturação produtiva e o neoliberalismo nada mais é do que a tentativa de superação da crise estrutural que assola o capitalismo sendo que este processo se dá da seguinte maneira:

“1) redefinição das bases da economia-mundo através da reestruturação produtiva e das mudanças no mundo do trabalho; 2) a ofensiva ideopolítica necessária à construção da hegemonia do grande capital, evidenciada na emergência de um novo imperialismo de uma nova fase do capitalismo, marcada pela acumulação com predomínio rentista.” HARVEY apud MOTA, 2009, p.08 e 09.

É neste contexto específico que se enquadra esta pesquisa que visa observar a postura que a CUT e a CONLUTAS assumem neste bojo de transformações.



2 MUDANÇAS DE ESTRATÉGIAS SINDICAIS

Conforme dados obtidos através da pesquisa bibliográfica é evidente que nos últimos dez anos a reestruturação produtiva proporcionou mudanças significativas no mercado de trabalho e, conseqüentemente, no âmbito sindical e na postura que o sindicato passa a assumir face à nova configuração do mercado.

Neste sentido, é interessante analisar a temática posta no contexto onde se manifesta o capital monopolista com intensa acumulação do capital e aumento do nível tecnológico, sendo que esses fatores contribuíram para a constituição de “um novo, porém precário mundo do trabalho”. (ALVES, 2000).

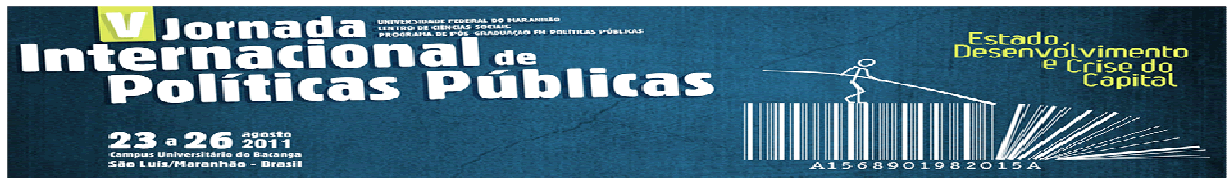
“observamos isso, por exemplo, com o toyotismo, momento predominante do novo complexo de reestruturação produtiva, que surge como uma nova estratégia de constituição da hegemonia capitalista na produção”
ALVES, 2000 p.304.

E o componente político e ideológico tem a função histórica de construir uma nova hegemonia do capital através da coerção capitalista e consentimento operário.

Vendo por este ponto de vista, observamos que o processo de reestruturação produtiva esta intimamente ligada às relações de classe, uma vez que ocorrem mudanças tanto na concorrência intercapitalista quanto no processo de luta de classes para que se garanta o padrão de acumulação capitalista arquitetadas pela reestruturação produtiva.

Desta forma, o enfraquecimento da classe operária se dá a partir do momento em que ocorre a constituição de uma situação favorável para que o processo de reestruturação produtiva aproprie-se da subjetividade operária, constatam-se então reflexos negativos na instância mais representativa da classe trabalhadora: o sindicato. Limitando a atuação deste e, até mesmo, forçando-o a assumir uma postura de conformação face aos ditames do capital contradizendo o caráter combativo que o sindicalismo assumiu durante o processo de grande indústria.

“o novo complexo de reestruturação produtiva não é ‘neutro’, como parecem considerar algumas leituras sociológicas de cariz tecnologista. Ela ocorre no interior de uma sociedade de classes, cindida por interesses antagônicos de classe no campo da produção. É uma nova forma de luta de classes sob o capitalismo tardio”



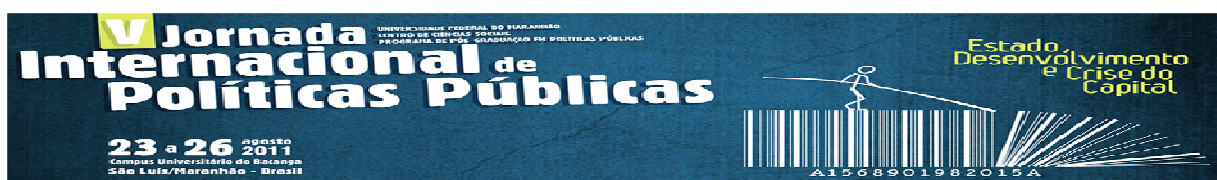
ALVES, 2000 p.304.

Tendo como cenário o contexto descrito acima, observa-se que ocorreram várias mudanças na atuação e nas estratégias assumidas pelos sindicatos sinalizando uma queda na sindicalização, desaparecimento de postos de trabalho, aumento do desemprego e do número de demissões.

“ocorreu a drrupção do mundo do trabalho industrial, decorrente da descentralização produtiva, da prática empresarial da terceirização, tendo a criar uma rede complexa do trabalho, diversificada e segmentada, na qual surgem novos estatutos precários de emprego e salário. (...) Surgiu, portanto, um novo (e precário) mundo do trabalho, e põe provocações decisivas à prática sindical de classe no Brasil.” ALVES, 2000 p.252.

Esta pesquisa intitulada **Adeus às reivindicações e protestos?** A CUT e CONLUTAS no trato da temática mercado de trabalho no solo maranhense têm como foco de investigação a Central Única dos Trabalhadores – CUT e a CONLUTAS – Coordenação Nacional de Lutas analisando como estas se posicionam face aos impactos que a reestruturação produtiva vem exercendo na formação de um “novo e precário mundo do trabalho” ALVES (2000). Neste sentido, torna-se necessário analisar as especificidades que a reestruturação produtiva tem no estado do Maranhão sem deixar de lado seus aspectos mais abrangentes. Refiro-me a interesses e perspectivas da base sindical quando pergunto se há ainda ou não o incentivo ao sentimento de pertencimento de classe e reações contrárias ao capital.

Até este estágio da pesquisa que resultou na elaboração desse artigo observa-se que a CUT, atualmente tende a explorar todos os meios para a negociação com a classe dominante, bem diferente dos ideais que nortearam sua gênese. Já a CONLUTAS – Coordenação Nacional de Lutas fundada em 2006 é fruto de divergências ideológicas e políticas que aconteceram dentro da CUT. A CONLUTAS coloca-se com interesses classistas e defende as reivindicações. A CONLUTAS nasce para atender a necessidade de se organizar uma alternativa socialista de luta para a classe trabalhadora, é contra o governo do presidente Lula que governa de acordo com o modelo neoliberal e contra a adaptação da CUT às políticas governamentais. A CONLUTAS é composta por entidades



sindicais, organizações populares, movimentos sociais e estudantis. Assume-se com caráter sindical e popular independente do governo e partidos políticos e tem como princípio a democracia operária onde a base participa e decide. A luta é contra o neoliberalismo, o imperialismo norte americano. E possui como meta a superação do capitalismo para a instauração do socialismo. Tendo em seus parâmetros que, quando a luta de classe reduz-se ao nível institucional tem-se assim o favorecimento da conformação.

Preocupa-nos então, apreender a relação entre a intervenção estratégica da CUT e da CONLUTAS conhecendo as suas orientações políticas e os eixos de lutas, enfim como estas instituições posicionam-se face às questões que aparecem referentes ao mercado de trabalho no Maranhão tendo como contexto a reestruturação produtiva e seus reflexos nos salários dos trabalhadores.

Nos estudos travados, Antunes 2002 observa que, apesar das alterações que ocorreram no mundo do trabalho, objetivamente e subjetivamente, decorrentes da reestruturação produtiva não significa o fim do trabalho como medida de valor: continua existindo mais valia, superexploração do trabalho e exército industrial de reserva, ou seja, o capital ainda não conseguiu arquitetar uma forma de continuar existindo sem a força de trabalho humano. No entanto, ocorreram mudanças: se por um lado trabalho qualifica-se com a “intelectualização do trabalho manual”; por outro se desqualifica com a subproletarização e flexibilização do trabalho. São esses fatores que operacionalizaram mudanças no sindicalismo como a redução de greves; aumento dos casos de corporativismo e racismo entre os trabalhadores; distância entre operários precarizados e estáveis reduzindo consideravelmente a classe trabalhadora. Isso por que, a desvalorização do trabalho, o aumento do individualismo decorrente do sistema neoliberal fez com que os trabalhadores perdessem a noção de pertencimento de classe e adquirissem o medo de perder o emprego: reforçando o sentimento de “cada um por si”.

Em concordância com Antunes 2002, Tumulo 2004 afirma que a tendência da crise sindical perpassa a individualização das relações de trabalho, ou seja, perda do sentimento de pertencimento de classe e perda de consciência política que vise o bem estar coletivo caracterizando o sindicalismo de empresa; sindicalismo de participação face ao medo do desemprego estrutural. Burocratização e institucionalização das



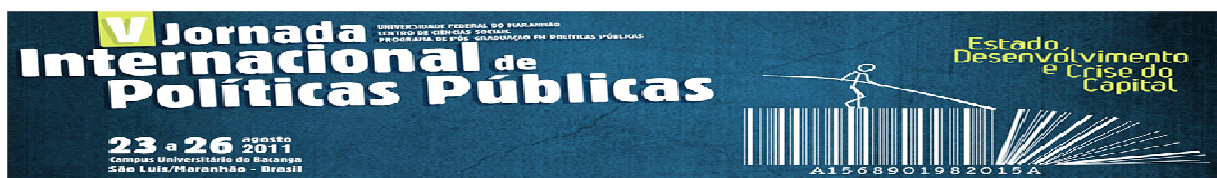
entidades sindicais que, para garantir legitimidade, afastam-se dos movimentos sociais. Constata-se também ampliação dos métodos ideológicos de manipulação dos movimentos de esquerda por parte dos ditames do capital e diminuição acentuada dos campos de atuação dos sindicatos. Esses fatores nos levam a contrapor a idéia de sindicalismo combativo com a idéia de sindicalismo de corte social-democrata, sendo que prevalece o segundo. Neste sentido, interessa ao capital a:

“neutralização e destruição das formas organizativas de cunho combativo para substituí-lo por sindicatos sob controle dos empresários”
TUMULO, 2004, p. 127.

No capítulo 3 do seu livro Tumulo 2004 traça o percurso da CUT como expressão do “Novo Sindicalismo”. Observa-se já ter havido divergências ideológicas dentro da própria CUT como reflexo das mudanças estruturais que aconteciam no mundo do trabalho, a saber, a reestruturação produtiva.

Segundo o autor a CUT, na sua gênese, apresentava como identidade política uma posição classista, enraizado na base, livre de interferência do Estado, uma autonomia frente aos partidos políticos possuíam uma democracia interna e luta sindical intensa. Ou seja, se propunha a uma ruptura com o sistema capitalista vigente. Visto que a CUT nasce num contexto totalmente adverso onde os sindicatos funcionavam sob as rédeas do controle militar, visto que nada podia transgredir a “ordem” instaurada suscitando, assim, a emergência para o surgimento de um novo sindicalismo que foi protagonizado pela CUT. Ressurgem as greves na segunda metade dos anos de 1970, a exemplo tem-se a greve dos metalúrgicos do ABC paulista, e a unificação das lutas dos trabalhadores contra o arrocho salarial e a suprexploração da força de trabalho. Segundo Tumulo 2004, os pilares para a constituição da CUT seriam o “o novo sindicalismo”, as “oposições sindicais” e o “sindicalismo rural”.

Como antes mencionado a CUT apresentava em sua gênese uma identidade classista e anticapitalista. O quadro começa a se alterar nos anos de 1978-1983. Segundo estudos de Iram Jácome Rodrigues considera o III CONCUR (Congresso Nacional da CUT) como sendo o último de massas. Neste momento a tendência seria para reformas sociais e políticas no interior de uma economia de mercado direcionado pela ruptura de ideais anteriores que eram voltados para combater os ditames do capital; passando a assumir um caráter de negociação e diálogo com setores empresariais. De



fato, a fase histórica do movimento operário e do sindicalismo no Brasil vai de 1978 a 1988, porém a tendência de concertação é visível antes de 1988. Visto que foi no III CONCUR que começaram a haver discussões sobre mudanças no estatuto e nos critérios para a escolha de participação de delegados culminando em mudanças estatutárias e, conseqüentemente, na diminuição da força de esquerda mais radical.

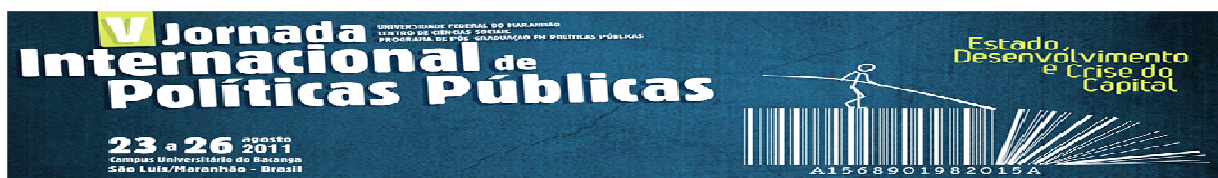
Desta forma, “de concepção movimentalista a CUT passa a assumir uma visão mais organizativa, complexa e burocrática” ALVES (2000). Isso condiciona a construção de “um novo patamar de um amplo aparelho administrativo institucional”, segundo ALVES (2000), ou seja, se administra as demandas dos trabalhadores visando a concertação entre as partes interessadas, não havendo espaço para a combatividade e sim para a negociação. Sendo que o IV CONCUR, segundo Tumulo 2004 seria a “expressão político institucional, a consolidação de tais inflexões” tendo como pano de fundo histórico a conformação do novo padrão de acumulação de capital. Fato importante é que em dezembro de 1989 a vitória de Fernando Collor de Melo significou a consolidação neoliberal aliada à reestruturação produtiva tendo como reflexo dentro da CUT o distanciamento entre base e direção: o sindicalismo torna-se de parceria entre capital e trabalho como um mediador dentro da ordem.

No entanto Boito Jr. 1996 afirma que

“A CUT não se converteu numa central sindical neoliberal, pelo contrário, a ação sindical de resistência ao neoliberalismo só tem sido implementada pelos sindicatos cutistas, (...) Isto porque as concepções e as estratégias atuais da corrente dirigente da CUT, a Articulação sindical, faz concessões à ideologia e a política neoliberal, facilitando a implementação e o avanço dessa política e contribuindo para a difusão daquela ideologia junto aos trabalhadores brasileiros” BOITO JR, 1999, p. 124.

Porém o que se evidencia é a seguinte situação: a CUT substitui as mobilizações e greves tradicionais por entendimentos com o patronato que significa a perda de representatividade política e ideológica como instrumento de transformação revolucionária da sociedade. As estratégias atuais da CUT versam em torno da abertura de concessões para que se consiga a negociação.

Esse novo caráter que a CUT assumiu tem sua origem nos países imperialistas de capitalismo central. Foi a partir dos anos de 1990 que houve a sintonia do sindicalismo



brasileiro com o sindicalismo de primeiro mundo, o que Tumulo (2004) denomina como "claro redesenho da estratégia da CUT": antes combativa e hoje voltada para a concertação. Neste sentido, observa-se que existem três fases do sindicalismo cutista: 1978-1983/88: ação sindical combativa e de confronto onde as greves possuíam papel determinante na conquista e garantias de direitos, havia maior mobilização da classe operaria e estímulo ao sentimento de pertencimento de classe; 1988-1991: fase de transição: já podem ser observadas mudanças estatutárias e o discurso passa a mudar no intuito de se encontrar possibilidades de atuação dentro do próprio sistema;

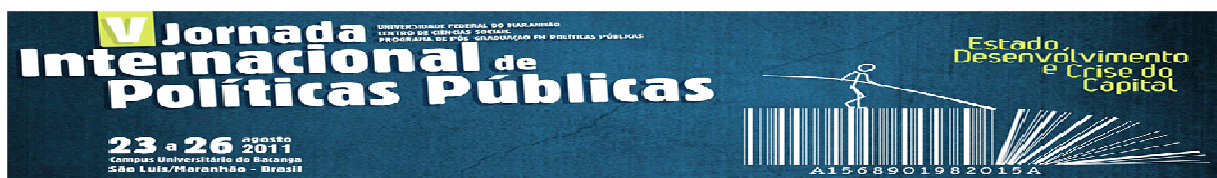
E a fase mais recente com o sindicalismo positivo e negociador caracterizando uma mudança político institucional.

"a atual estratégia da CUT tem sido a resposta política constituída pela Central para a realidade presente. Partindo do pressuposto da vitória do capital no plano mundial através da consolidação do novo padrão de acumulação cuja manifestação aparente são as metamorfoses no mundo do trabalho, e tendo em vista o fracasso da construção do socialismo, a estratégia, em linhas gerais, a de conviver com o capitalismo buscando oferecer alternativas por dentro dele, baseadas na crença de que é possível reformá-la estruturalmente e, dessa forma, arrancar, através da negociação benefícios para os trabalhadores".
TUMULO, 2004, p. 132.

Essa atual estratégia da CUT que vem esboçada na citação acima mostra os fatores que debilitam o sentido estrutural do sindicalismo clássico que se caracteriza pela contestação à lógica do capital no campo da produção, dando vazão ao desenvolvimento de um sindicalismo de participação e negociação.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao compor este artigo, como resultado preliminar da pesquisa observa-se que o mundo do trabalho sofreu intensas mudanças devido à reestruturação produtiva do capital, sendo que estas mudanças tiveram reflexos significativos nas formas de estratégias sindicais e de como as instâncias representativas dos trabalhadores passam



a se colocar face às demandas advindas da precarização do mercado de trabalho e da usurpação de direitos dos trabalhadores.

Vendo por esta perspectiva constatou-se que a trajetória da CUT é marcada por intensas mudanças na forma como esta se coloca frente às demandas da classe trabalhadora. No início da CUT percebe-se um caráter combativo onde as greves e as mobilizações eram a maior arma usada para a defesa e conquista dos direitos dos trabalhadores, hoje houve uma mudança de foco: no lugar das greves e das mobilizações surgem as negociações com os empresários para que se consiga arrancar destes benefícios para os trabalhadores.

Em contra ponto a esta perspectiva surge a CONLUTAS, que se intitula de caráter classista, independente do Estado e de partidos políticos. Vislumbra como horizonte a superação da sociedade capitalista e a instauração de uma sociedade socialista mais igualitária com garantia de direitos, ou seja, apresenta-se como alternativa ao modelo capitalista. Estas perspectivas diferentes acabam por dividir o âmbito sindical entre a concertação e a reivindicação.

REFERÊNCIA

ALVES, Giovanni. **O novo (e precário) mundo do trabalho: a reestruturação produtiva e a crise do sindicalismo.** Boitempo. SP, 2000.

ANTUNES, Ricardo. **Trabalho, reestruturação produtiva e algumas repercussões no sindicalismo brasileiro.** Boitempo SP, 2002.

BOITO JR, Armando. **A política neoliberal e sindicalismo no Brasil.** Xamã. SP, 1999.

IAMAMOTO, Marilda. O serviço social na cena contemporânea. **In: Curso de Especialização: direitos sociais e competências profissionais - UNB/CEFESS/ABEPSS.** Brasília, 2009.

MOTA, Ana Elizabeth Crise contemporânea e as transformações na sociedade capitalista. **In: Curso de Especialização: direitos sociais e competências profissionais - UNB/CEFESS/ABEPSS.** Brasília, 2009.

TUMULO, Paulo Sergio. **Da contestação à conformação: a formação sindical da CUT e a reestruturação capitalista.** UNICAMP. SP, 2004.